

## RÉQUIEM PARA ENEIDA<sup>1</sup>

Ewerton Martins Ribeiro<sup>2</sup>

UFMG

*Estrelas árvores estrelas*

*E o silêncio fresco da noite deserta.*

*Belo Horizonte desapareceu*

*Transfigurada nas recordações.*

Mário de Andrade

Um antigo provérbio diz que enquanto o sábio aponta para as estrelas, o tolo repara no seu dedo, alheio aos astros. No trânsito irresoluto entre idolatria e iconoclastia, muitas vezes reparei em Eneida, em vez de me atentar para o que ela me dizia. Mas falo sem contrição. A vida sempre se dá no limite de suas possibilidades, é inevitável pensar nessas horas. Curiosamente, foi por mirar Eneida que pude ser melhor impactado pelas coisas que ela me dizia em suas orientações — ainda que sempre tanto tempo depois, sempre na véspera de ser tarde demais, sempre já sendo tarde demais, porque sempre, para tudo, é sempre tarde demais, exceto para a morte. Aqui, então, esta busca interminável por um modo possível de tocar um terceiro termo que me concilie no seio desse trânsito complicado, lembrando a partida de Eneida. Girar em torno dessa busca, a busca por uma forma sobretudo honesta de honrá-la nos limites das minhas possibilidades e de nossa relação, ao modo da sinceridade e do pragmatismo que sempre atravessaram a nossa convivência, no contrapelo da afetação e do excesso de tato que são próprios do escuro do nosso tempo.

Eneida Maria de Souza foi minha orientadora de doutorado. De 2016 a 2021, a ensaísta e professora emérita da Faculdade de Letras da UFMG sofreu com as minhas tentativas de dar forma literária às minhas elucubrações teóricas sobre a autoficção e mais ainda com as minhas tentativas de dar forma teórica aos meus ímpetos literários

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste texto foi publicada originalmente na Revista Pessoa, em março de 2022, com acesso restrito para assinantes.

<sup>2</sup> Jornalista, mestre em literatura brasileira e doutor em teoria da literatura pela UFMG. E-mail: ewertonmartinsribeiro@gmail.com.

autoficcionais. Quando eu disse que pretendia fazer ambas as coisas por meio de um texto único, que fosse híbrido e internamente indissociável, e que resultasse simultaneamente numa tese e num romance, Eneida me avisou que era improvável dar certo, mas não arredou o pé — nem mesmo quando, no início de março de 2020, ao vê-la pela primeira vez depois de voltar do doutorado-sanduíche, acabei dando nela um desajeitado abraço (e talvez até mesmo um beijo, não tenho certeza) na porta da livraria Quixote, em Belo Horizonte, numa época em que todos ainda ajustávamos diariamente os nossos comportamentos sociais (não me lembro de termos terminado de fazê-lo) em face da pandemia em que de repente nos descobríamos. Antes, em 2015, Eneida já tinha padecido como membro da minha banca de mestrado, ocasião em que sugeri – sorrindo, mas à vera – que a minha dissertação só me faria merecer o título que eu pleiteava e burocraticamente adquiria se eu cortasse “no mínimo” metade das suas trezentas e poucas páginas, reduzindo-a para algo decente. Nunca cheguei a fazê-lo, e hoje aquele calhamaço está mergulhado em poeira virtual, demonstrando um ponto.

Se “toda felicidade é memória e projeto”, como escreveu Cacaso, todo projeto de memória redundante em fracasso, escrevo eu, tentando lembrar Eneida. Que o que eu sou capaz de lembrar, se reviro memórias e arquivos? Um mundo limitado de imagens cada vez mais vagas, dispostas no panorama como contornos de sombras do que já partiu, como que feitos a lápis num muro em ruínas de uma cidade qualquer — Belo Horizonte, Coimbra, Paris, Manhauçu. Objetivamente: a nossa falta de intimidade, a despeito de quase uma década de relacionamento profissional. A nossa convivência afetiva cabralina, se posso dizer assim, de uma ironia seca, primal, adulta. Ainda: uma série de encontros ora casuais, ora marcados nos tantos eventos e lares literários de Belo Horizonte, em manhãs de sábados em que conversávamos ruidosamente sobre o tema de ocasião, a política, a cidade, sempre cordialmente. Algumas visitas esporádicas à sua casa, por razões objetivas e profissionais. E uma única piada comum, em que vez ou outra ela me acusava de ser de direita, sobretudo quando eu soltava alguma pérola mais liberal, e quando eu retrucava sobre ser mais de esquerda que ela, ela dizia “sei”, sorrindo a ironia.

“Para uma leitura partilhada entre autor e leitor, Ewerton, menos sempre é mais.” Esta foi a última coisa que Eneida tentou me ensinar, no penúltimo dos nossos encontros, época em que ela já parecia direcionar o mais das suas energias para a investigação da literatura como uma forma de sobrevivência. O último foi na porta da sua casa, quando, doutorado já defendido, eu lhe devolvia alguns livros. Lembro-me de termos falado

rapidamente sobre dores e doenças. Eu, sobre ter expelido alguns dias antes um cálculo renal. Ela, sobre umas dores que andava sentindo a partir da mesma região. Recomendamo-nos mutuamente os médicos, os alertas de praxe, as ofertas de auxílio, as falsas soluções. Despedimo-nos a distância, que estávamos outra vez num dos grandes picos pandêmicos. Desta vez nem cheguei a entrar.

Várias homenagens foram feitas a Eneida no decorrer dos últimos meses, desde a sua morte. Em face delas, pensei que, se posso acrescentar algo de singular a esse memorial, seria uma qualidade muito ímpar dela que eu sempre admirei, ainda que durante muito tempo sem saber: a sua particular assertividade, essa virtude tão rara ao nosso tempo tão dado ao hipsterismo kitsch e às ironias autodefensivas que são próprias a ele, que subtraem o que de mais potente há no recurso da ironia, isto é, a sua capacidade de estiramento do real. Em um mundo que se perde na afetação da retórica fútil e da polidez castradora, o discurso duro e direto de Eneida, desprovido de embalagem e adereços, era de uma funcionalidade aterradora.

Certa vez, ao me recomendar para uma bolsa, Osvaldo Manuel Silvestre, meu orientador na Universidade de Coimbra, escreveu o seguinte: “Acresce ainda que Ewerton Martins Ribeiro conta com a orientação, na UFMG, da professora Eneida Maria de Souza, *um nome que é uma garantia.*” Com a morte de Eneida, restou entre nós esse nome, por meio do qual seguimos resgatando e sedimentando em nós o possível de sua memória, cada um ao seu modo: a memória da intelectual filha de Lilita Carvalho de Souza, catedrática de português da Escola Normal de Manhuaçu de quem Eneida herdou “o exemplo e a coragem”; a memória da filha de Nudant Pizelli de Souza, de quem Eneida buscava honrar o “legado ético e o seu espírito de luta”; a memória da intelectual sobre quem sigo sabendo um pouco mais e um pouco menos a cada dia, ao visitar seus livros e as nossas memórias duras, mas porosas, por onde alguma luz refratária sempre entra, insistente, refazendo as sombras sobre as formas do lápis com que tomo estas minhas notas, antes de passá-las ao computador.

À mestra, com carinho.